

segunda fundação

isaac asimov

Tradução de Jorge Colaço



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



**À
MEMÓRIA
DE JOHN W.
CAMPBELL,
JR.**



PRÓLOGO...11

PRIMEIRA PARTE

A BUSCA DO MULA...15

- 1.** Dois homens e o Mula...17
Primeiro Interlúdio
- 2.** Dois homens sem o Mula...33
Segundo Interlúdio
- 3.** Dois homens e um camponês...47
Terceiro Interlúdio
- 4.** Dois homens e os Anciãos...57
Quarto Interlúdio
- 5.** Um homem e o Mula...67
- 6.** Um homem, o Mula — e um outro...81
Último Interlúdio

SEGUNDA PARTE

A BUSCA DA FUNDAÇÃO...97

- 7.** Arcádia...99
- 8.** O Plano Seldon...114
- 9.** Os conspiradores...125
- 10.** Uma crise aproxima-se...139
 - 11.** Clandestina...143
 - 12.** O senhor...155
 - 13.** A senhora...161
 - 14.** Ansiedade...169
- 15.** Através das grades...183
- 16.** Início da guerra...195
 - 17.** Guerra...207
- 18.** Um mundo fantasma...211
 - 19.** Fim da guerra...220
 - 20.** «Eu sei...»...231
- 21.** A resposta satisfatória...245
- 22.** A resposta verdadeira...257



PRÓLOGO

O Primeiro Império Galáctico tinha durado dezenas de milhares de anos. Incluía todos os planetas da Galáxia num governo centralizado, por vezes tirânico, por vezes benevolente, ordeiro sempre. Os seres humanos esqueceram que poderia haver outras formas de existência.

Todos exceto Hari Seldon.

Hari Seldon foi o último grande cientista do Primeiro Império. Foi ele quem levou a ciência da psico-história ao desenvolvimento pleno. A psico-história era a quinta-essência da sociologia; era a ciência do comportamento humano reduzida a equações matemáticas.

O ser humano individual é imprevisível, mas as reações das massas humanas, descobriu Seldon, poderiam ser tratadas estatisticamente. Quanto maior a massa, maior a exatidão que poderia ser alcançada. E a dimensão das massas humanas com que Seldon trabalhou era nada menos do que a população da Galáxia, a qual no seu tempo se contava por quintilhões.

Foi Seldon, então, que anteviu, contra todo o senso comum e a crença popular, que o brilhante Império, que parecia tão forte, estava num estado de irremediável decadência e declínio. Ele anteviu (ou resolveu as suas equações e interpretou os seus símbolos, o que resulta na mesma coisa) que,

SEGUNDA FUNDAÇÃO

deixada entregue a si mesma, a Galáxia passaria por um período de trinta mil anos de miséria e anarquia antes que um governo unificado voltasse a erguer-se uma vez mais.

Começou a remediar a situação, provocando um estado de coisas que restaurasse a paz e a civilização em apenas mil anos. Cuidadosamente, instalou duas colônias de cientistas a que chamou «Fundações». Com premeditada intenção, instalou-as «nas extremidades da Galáxia». Uma Fundação foi instalada em plena luz da publicidade. A existência da outra, a Segunda Fundação, ficou submergida no silêncio.

Em *Fundação e Fundação e Império* são contados os primeiros três séculos da história da Primeira Fundação. Ela começou como uma pequena comunidade de Enciclopedistas, perdida no vazio da periferia exterior da Galáxia. Periodicamente, enfrentou crises, nas quais as variáveis do relacionamento humano e das correntes sociais e económicas do tempo se apertavam em torno dela. A sua liberdade para se mover residia apenas ao longo de uma determinada linha e, quando se movia nessa direção, um novo horizonte de desenvolvimento abria-se diante dela. Tudo tinha sido planeado por Hari Seldon, agora morto havia muito tempo.

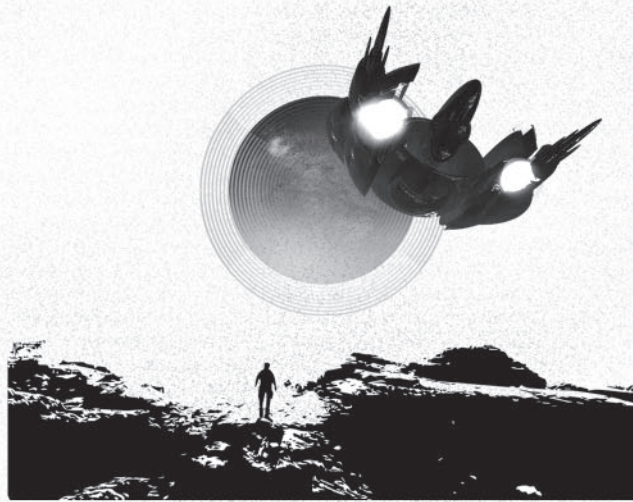
A Primeira Fundação, com a sua ciência superior, conquistou os planetas caídos na barbárie que a rodeavam. Enfrentou a anarquia dos Senhores da Guerra que irromperam do Império agonizante e venceu-os. Enfrentou o que restava do próprio Império, sob o seu último imperador forte e o seu último general forte, e venceu-o.

Então, enfrentou alguma coisa que Hari Seldon não conseguiu prever, o poder avassalador de um só ser humano, um mutante. A criatura, conhecida como o Mula, nasceu com a capacidade de modelar as emoções dos homens e moldar as suas mentes. Os seus oponentes mais renhidos foram transformados em servidores devotos. Os exércitos não poderiam lutar e não *lutariam* contra ele. Diante dele,

a Primeira Fundação caiu e os planos de Seldon jaziam parcialmente em ruínas.

Restava a misteriosa Segunda Fundação, o objetivo de todas as buscas. O Mula tinha de a encontrar para completar a sua conquista da Galáxia. Os fiéis àquilo que restava da Primeira Fundação tinham de a encontrar por uma razão bem diferente. Mas onde estava ela? Isso ninguém sabia.

Esta é, então, a história da busca da Segunda Fundação!



PRIMEIRA PARTE

A BUSCA DO MULA

O MULA... Foi após a queda da Primeira Fundação que os aspetos construtivos do regime do Mula tomaram forma. Após a rutura do primeiro Império Galáctico, foi ele quem em primeiro lugar presenteou a história com um volume de espaço unificado verdadeiramente imperial na sua extensão. O anterior império comercial da desaparecida Fundação tinha sido diverso e francamente descosido, apesar do apoio impalpável das predições da psico-história. Não tinha comparação com a «União de Mundos», apertadamente controlada e governada pelo Mula, particularmente durante a era da chamada Busca...

ENCICLOPÉDIA GALÁCTICA



DOIS HOMENS E O MULA

Há muito mais coisas que a Enciclopédia tem a dizer sobre o tema do Mula e do seu Império, mas quase todas elas são irrelevantes para a questão em apreço imediato, e, de qualquer modo, a maior parte delas é excessivamente árida para os nossos propósitos. Principalmente, o artigo preocupa-se neste ponto com as condições económicas que levaram à ascensão do «Primeiro Cidadão da União» — o título oficial do Mula — e com as condições económicas que daí advieram.

Se, em algum momento, o redator do artigo moderadamente se espanta com a pressa monumental com que o Mula ascendeu do nada a um vasto domínio em cinco anos, oculta-o. Se depois se surpreende com a súbita cessação da expansão em favor de uma consolidação do território ao longo de cinco anos, esconde o facto.

Abandonamos, por conseguinte, a Enciclopédia e continuamos o nosso próprio caminho, com uma finalidade própria, e seguimos a história do Grande Interregno — entre o Primeiro e o Segundo Império Galáctico — no fim daqueles cinco anos de consolidação.

Politicamente, a União está calma. Economicamente, é próspera. Poucos trocariam a paz trazida pelo controlo apertado do Mula pelo caos que a precedera. Nos mundos que cinco anos antes tinham conhecido a Fundação, poderia haver um pesar nostálgico, mas não mais. Os líderes da Fundação tinham sido mortos, se inúteis; e convertidos, se úteis.

E, dos convertidos, o mais útil era Han Pritcher, agora general.

...

SEGUNDA FUNDAÇÃO

Nos tempos da Fundação, Han Pritcher tinha sido capitão e membro da Oposição Democrática subterrânea. Quando a Fundação passou para o Mula sem um único combate, Pritcher lutou contra o Mula. Isto é, até ser convertido.

A conversão não era a operação vulgar ocasionada pelo poder de uma razão superior. Han Pritcher sabia disso bastante bem. Ele fora transformado porque o Mula era um mutante com poderes mentais capazes de ajustar as condições dos humanos comuns como lhe aprouvesse. Mas isso satisfazia-o plenamente. Era assim que deveria ser. A própria satisfação com a conversão era um sintoma primordial dela, mas Han Pritcher já nem sequer se mostrava curioso pelo assunto.

E, agora que estava de regresso da sua quinta grande expedição à infinitude da Galáxia no exterior da União, era com alguma coisa próxima da natural alegria que o veterano astronauta e agente das Informações considerava a sua próxima audiência com o «Primeiro Cidadão». O seu rosto duro, talhado numa madeira escura e lisa, que parecia não ser capaz de sorrir sem estalar, não o mostrava — mas as indicações externas eram desnecessárias. O Mula poderia ver as emoções no interior, até à mais pequena, tanto quanto um homem comum poderia ver a contração de um sobrolho.

Pritcher deixou o seu aerocarro nos velhos hangares do vice-rei e entrou nos terrenos do palácio a pé, como era exigido. Caminhou ao longo de mais de um quilómetro pela estrada sinalizada com setas — que estava vazia e silenciosa. Pritcher sabia que não havia um único guarda, um único soldado, um único homem armado, sobre os quilómetros quadrados do perímetro do palácio.

O Mula não necessitava de nenhuma proteção.

O Mula era o melhor e todo-poderoso protetor de si próprio.

Os passos de Pritcher ressoavam suavemente nos seus próprios ouvidos, à medida que o palácio erguia diante dele as suas resplandecentes paredes metálicas, incrivelmente leves e incrivelmente fortes, nos arcos ousados, excessivos, quase febris, que caracterizavam a arquitetura do Império Tardio. Pairava vigorosamente sobre os terrenos vazios, sobre a cidade cheia de gente no horizonte.

Dentro do palácio estava aquele único homem — sozinho — de

cujos atributos mentais inumanos dependia a nova aristocracia, e toda a estrutura da União.

A enorme porta abriu-se suavemente quando o general se aproximou e entrou. Subiu para a larga rampa rolante que se movia, para cima, debaixo dele. Subiu rapidamente no silencioso elevador. Perfilou-se diante da pequena e simples porta do quarto do Mula no esplendor do mais alto dos pináculos do palácio.

Ela abriu-se...

Bail Channis era jovem, e Bail Channis era um não-convertido. Isto é, em linguagem mais simples, o seu arranjo emocional não tinha sido desajustado pelo Mula. Permanecia exatamente como fora formado pelo molde original da sua hereditariedade e pelas subseqüentes modificações do seu meio ambiente. E isso também o satisfazia.

Ainda não chegara bem aos trinta, era estupendamente bem relacionado na capital. Era bonito e sagaz — por conseguinte, bem-sucedido na sociedade. Era inteligente e senhor de si — por conseguinte, bem-sucedido com o Mula. E estava completamente deliciado com ambos os sucessos.

E, agora, pela primeira vez, o Mula convocara-o para uma audiência pessoal.

As suas pernas transportaram-no através da longa estrada cintilante que conduzia diretamente aos pináculos de esponja de alumínio que um dia tinham sido a residência do vice-rei de Kalgan, que governou em nome dos antigos imperadores; e que fora depois a residência dos príncipes independentes de Kalgan, que governaram em seu próprio nome; e que era agora a residência do Primeiro Cidadão da União, que governava o seu próprio império.

Channis cantarolou baixinho para si mesmo. Não tinha dúvidas do que se tratava. Da Segunda Fundação, naturalmente! Esse bicho-papão açambarcador, cuja mera referência tinha levado o Mula a recuar da sua política de expansão sem limites para uma cautela estática. O termo oficial era «consolidação».

Agora havia rumores — não se podem parar rumores. O Mula deveria iniciar a ofensiva uma vez mais. O Mula tinha descoberto onde

SEGUNDA FUNDAÇÃO

ficava a Segunda Fundação, e atacaria. O Mula tinha chegado a um entendimento com a Segunda Fundação e dividido a Galáxia. O Mula decidira que a Segunda Fundação não existira e assumiria o controle de toda a Galáxia.

Não vale a pena listar todas as variações que se ouviam nas antecâmaras. Nem sequer era a primeira vez que tais rumores tinham circulado. Mas agora pareciam ter mais substância, e todos os espíritos livres e expansivos que prosperavam na guerra, na aventura militar e no caos político, e murchavam em tempos de estabilidade e paz estagnada, estavam contentes.

Bail Channis era um deles. Não temia a misteriosa Segunda Fundação. Por falar nisso, não temia o Mula, e gabava-se disso. Talvez alguns, que não aprovavam alguém ao mesmo tempo tão jovem e tão bem na vida, esperassem obscuramente pelo ajuste de contas com o alegre galã que utilizava o seu humor abertamente à custa da aparência física do Mula e da sua vida sequestrada. Nenhum ousava juntar-se-lhe e poucos ousavam rir, mas quando nada lhe aconteceu, a sua reputação aumentou em conformidade.

Channis ia improvisando a letra para a melodia que estava a trautear. Palavras disparatadas com um refrão recorrente: «A Segunda Fundação ameaça a Nação e toda a Criação.»

Estava no palácio.

A enorme porta maciça abriu-se suavemente à sua aproximação, e ele entrou. Subiu para a larga rampa rolante que se movia, para cima, debaixo dele. Subiu rapidamente no silencioso elevador. Perfilou-se diante da pequena e simples porta do quarto do Mula no esplendor do mais alto dos pináculos do palácio.

Ela abriu-se...

O homem que não tinha outro nome senão o de Mula, e nenhum outro título senão o de Primeiro Cidadão, olhou, através da transparência unidirecional da parede, a cidade leve e imponente sobre o horizonte.

Na luz crepuscular que progressivamente escurecia, as estrelas emergiram, e não apenas uma, mas todas lhe deviam fidelidade.

Sorriu com fugaz amargura a essa ideia. A fidelidade que deviam era a uma personalidade que poucos tinham visto.

O Mula não era um homem para que se olhasse — para que se olhasse sem troça. Não mais de cinquenta e poucos quilos repartidos ao longo de um metro e setenta. Os membros eram hastes ossudas que sobressaíam da sua magreza esquelética numa angulosidade desprovida de graça. E o seu rosto magro era praticamente ofuscado pela proeminência do seu nariz, um bico carnudo que se estendia por uns bons dez centímetros.

Apenas os seus olhos davam uma nota de falsidade na farsa geral que o Mula era. Na sua suavidade — uma estranha suavidade para o maior conquistador da Galáxia —, a tristeza nunca estava inteiramente subjugada.

Na cidade, encontrar-se-ia todo o júbilo de uma capital exuberante de um mundo exuberante. Ele poderia ter estabelecido a capital na Fundação, o mais forte dos seus inimigos agora conquistados, mas ficava muito longe, no próprio extremo da Galáxia. Kalgan, de localização mais central, com uma longa tradição como local de recreio da aristocracia, convinha-lhe mais — estrategicamente.

Mas nesse seu tradicional júbilo, potenciado por uma prosperidade nunca antes sentida, ele não encontrava paz.

Temiam-no e obedeciam-lhe e talvez até o respeitassem — a uma boa distância. Mas quem poderia olhá-lo sem desprezo? Apenas aqueles que ele convertera. E que valor tinha a sua lealdade artificial? Faltava-lhe sabor. Poderia ter adotado títulos, e inculcado rituais forçados e inventado elaborações, mas mesmo isso nada teria alterado. O melhor — ou, pelo menos, não pior — era ser simplesmente o Primeiro Cidadão, e esconder-se.

Sentiu uma vaga de rebelião dentro de si — forte e brutal. Nenhuma porção da Galáxia deveria ser-lhe negada. Durante cinco anos conservara-se em silêncio e enterrado, ali em Kalgan, por causa da eterna, nebulosa e espacial ameaça da nunca vista, nunca ouvida e desconhecida Fundação. Tinha trinta e dois anos. Não era velho — mas sentia-se velho. O seu corpo, fossem quais fossem os seus poderes mentais de mutante, estava fisicamente fraco.

Todas as estrelas! Todas as estrelas que eram visíveis — e todas as que não eram visíveis. Todas deveriam ser suas!

Isso vingá-lo-ia de tudo. De uma Humanidade da qual ele não fazia parte. De uma Galáxia na qual ele não encaixava.

SEGUNDA FUNDAÇÃO

A fria luz de aviso por cima dele piscou. Poderia seguir a progressão do homem que tinha entrado no palácio e, simultaneamente, como se o seu sentido mutante tivesse sido potenciado e sensibilizado no solitário crepúsculo, sentiu um fluxo de contentamento emocional tocar-lhe as fibras do cérebro.

Reconheceu a identidade, sem esforço. Era Pritcher.

O capitão Pritcher do que um dia tinha sido a Fundação. O capitão Pritcher que tinha sido ignorado e ultrapassado pelos burocratas daquele governo decadente. O capitão Pritcher, cujo trabalho como insignificante espião ele eliminara, e a quem ele elevara dessa lama. O capitão Pritcher, a quem fizera primeiro coronel e depois general; cujo âmbito de ação ele alargara a toda a Galáxia.

O agora general Pritcher que, embora tivesse começado por ser um férreo rebelde, era completamente leal. E, todavia, apesar de tudo isso, não leal devido aos benefícios que tinha ganhado, não por gratidão, não por justa retribuição — mas leal apenas através do artifício da conversão.

O Mula estava consciente dessa forte e inalterável camada superficial de lealdade e amor que coloria todos os torcidos e tremidos da emotividade de Han Pritcher — a camada que ele próprio implantara havia cinco anos. Mais fundamente por baixo existiam os traços originais da individualidade teimosa, da impaciência do mando, do idealismo — mas até ele próprio já dificilmente os conseguia detetar.

A porta por detrás dele abriu-se, e ele virou-se. A transparência da parede evoluiu para a opacidade, e a luz purpúrea do anoitecer deu lugar ao fulgor esbranquiçado da energia nuclear.

Han Pritcher sentou-se na cadeira indicada. Nas audiências privadas com o Mula não havia lugar para vénias, nem para genuflexões, nem para a utilização de títulos honoríficos. O Mula era meramente «Primeiro Cidadão». Era tratado por «Senhor». Sentados na sua presença, poder-se-ia, se fosse o caso, ficar de costas voltadas para ele.

Para Han Pritcher, tudo isto era prova do seu poder, da sua segurança e confiança. Ficava calorosamente satisfeito com isso.

O Mula disse:

— O seu relatório final chegou-me ontem. Não posso negar que o achei um pouco deprimente, Pritcher.

O general uniu as sobrancelhas, apertadamente.

— Sim, imagino que sim, mas não vejo a que outras conclusões poderia ter chegado. Simplesmente não existe nenhuma Segunda Fundação, caro senhor.

E o Mula ponderou e depois abanou lentamente a cabeça, como já fizera tantas vezes:

— Há a prova do Ebling Mis. Há sempre a prova do Ebling Mis.

Não era uma história nova. Pritcher disse sem qualquer restrição:

— Mis pode ter sido o maior psicólogo da Fundação, mas era um bebé comparado com Hari Seldon. Na época em que ele andou a investigar as obras de Seldon estava sob o estímulo artificial do seu próprio controlo cerebral. Pode ter exigido demasiado dele. Senhor, ele *deve* ter-se enganado.

O Mula suspirou, lançando o seu rosto lúgubre para diante sobre a estreita haste do pescoço.

— Se tivesse vivido apenas mais um minuto. Ele estava quase a dizer-me onde ficava a Segunda Fundação. Ele *sabia*, estou a dizer-lhe. Eu não precisava de ter recuado. Não precisava de ter ficado à espera, à espera. Tanto tempo perdido. Cinco anos passados para nada.

Pritcher não poderia censurar o débil anseio do seu governante; a sua composição mental controlada proibia-lho. Em vez disso, ficou perturbado; vagamente inquieto. Disse:

— Mas que explicação alternativa pode haver, senhor? Por cinco vezes, parti. O próprio senhor planeou as rotas. E eu não deixei nenhum asteroide por revirar. Foi há trezentos anos... que Hari Seldon do antigo Império supostamente estabeleceu duas Fundações para agirem como núcleos de um novo Império para substituir o antigo, em agonia. Cem anos depois de Seldon, a Primeira Fundação, aquela que tão bem conhecemos, era conhecida através de toda a Periferia. Cento e cinquenta anos depois de Seldon, no tempo da última batalha com o velho Império, era conhecida através de toda a Galáxia. E agora, passados trezentos anos, onde poderá estar essa misteriosa Segunda? Em nenhum remoinho do fluxo Galáctico ouviram falar dela.

— Ebling Mis disse que ela se mantinha secreta. Que apenas o sigilo poderia transformar a sua fraqueza em força.

SEGUNDA FUNDAÇÃO

— O sigilo a esse ponto passa também pela possibilidade da não-existência.

O Mula levantou os olhos, os seus grandes olhos penetrantes e desconfiados.

— Não. Ela *existe*. — Apontou bruscamente um dedo ossudo. — Vai haver uma ligeira alteração tática.

Pritcher franziu o sobrolho.

— O senhor planeia partir? Dificilmente lho aconselharia.

— Não, claro que não. Terá você de partir uma vez mais, uma última vez. Mas num comando conjunto com outro.

Houve um silêncio, e a voz de Pritcher soou com dureza:

— Quem, senhor?

— Há um jovem aqui em Kalgan. Bail Channis.

— Nunca ouvi falar dele, Senhor.

— Não, imagino que não. Mas tem uma mente ágil, é ambicioso... e *não* é um convertido.

O longo maxilar de Pritcher estremeceu fugazmente por um instante.

— Não consigo ver a vantagem disso.

— Há uma, Pritcher. Você é um homem cheio de recursos e de experiência. Prestou-me bons serviços. Mas é um convertido. A sua motivação reside pura e simplesmente numa lealdade inculcada e irremediável a mim. Quando perdeu as suas motivações originais, perdeu alguma coisa, uma pulsão subtil, que possivelmente eu não posso substituir.

— Não sinto isso, senhor — disse Pritcher com ar sombrio. — Recordo-me bastante bem de mim próprio tal como era na época em que fui seu inimigo. Não me sinto inferior em nada.

— Naturalmente que não — e a boca do Mula contorceu-se num sorriso. — O seu julgamento sobre esta matéria dificilmente é objetivo. Agora, este Channis é ambicioso por si próprio. É completamente confiável, não por qualquer lealdade, a não ser a si próprio. Ele sabe que é nas abas do meu casaco que viaja e faria qualquer coisa para aumentar o meu poder para que a viagem possa ser longa e distante e que o destino possa ser glorioso. Se ele for consigo, haverá esse estímulo adicional por detrás da *sua* procura, esse impulso para si mesmo.

— Então — disse Pritcher, continuando a insistir —, porque não

remover a minha própria conversão, se pensa que isso me vai melhorar? Dificilmente pode desconfiar de mim, agora.

— Isso nunca, Pritcher. Enquanto estiver ao alcance do meu braço, ou do meu desintegrador, ao meu alcance, permanecerá firmemente preso à conversão. Se o libertasse neste preciso minuto, estaria morto no minuto seguinte.

O general dilatou as narinas.

— Fico magoado pelo facto de pensar isso.

— Não tenho intenção de o magoar, mas é impossível que perceba que os seus sentimentos ficariam livres para se formarem de acordo com a sua motivação natural. A mente humana não gosta de controlo. O vulgar hipnotizador humano não consegue hipnotizar uma pessoa contra a sua vontade por essa razão. Eu posso, porque não sou um hipnotizador, e, acredite, Pritcher, o ressentimento que você não consegue mostrar, e que nem sequer sabe que tem, é uma coisa que eu não quereria enfrentar.

Pritcher curvou a cabeça. A futilidade dilacerou-o e deixou-o triste e abatido por dentro. Disse, com esforço:

— Mas como pode confiar nesse homem? Quer dizer, completamente... como pode confiar em mim, na minha conversão.

— Bem, suponho que não posso confiar inteiramente. É por isso que você tem de ir com ele. Veja, Pritcher — e o Mula enterrou-se na grande poltrona contra o encosto macio, no qual parecia um anguloso palito animado —, se ele encontrasse a Segunda Fundação, e se lhe ocorresse que um acordo com eles poderia ser mais proveitoso do que comigo... Compreende?

Uma luz de profunda satisfação cintilou nos olhos de Pritcher.

— Assim está melhor, senhor.

— Exatamente. Mas lembre-se, ele tem de ter rédea livre durante o maior tempo possível.

— Certamente.

— Ahn... ahn... Pritcher. O jovem é bonito, agradável, e extremamente encantador. Não se deixe enganar. Ele é um tipo perigoso e sem escrúpulos. Não se meta no caminho dele a não ser que esteja preparado para o enfrentar adequadamente. É tudo.

O Mula ficou sozinho de novo. Deixou que as luzes desaparecessem e que a parede à sua frente recuperasse de novo a transparência.

SEGUNDA FUNDAÇÃO

O céu estava agora púrpura, e a cidade era uma leve mancha de luz no horizonte.

Para que servia tudo isto? E se ele fosse o senhor de tudo o que existia — e então? Isso iria impedir que homens como Pritcher fossem direitos e altos, autoconfiantes, fortes? Iria Bail Channis perder a sua aparência? Ele próprio seria diferente do que era agora?

Amaldiçoou as suas dúvidas. Do que andava realmente atrás?

A fria luz de aviso por cima dele piscou. Poderia seguir a progressão do homem que tinha entrado no palácio e, quase contra a sua vontade, sentiu um fluxo de contentamento emocional tocar-lhe as fibras do cérebro.

Reconheceu a identidade sem esforço. Era Channis. Aqui o Mula não via uniformidade, mas a diversidade primitiva de uma mente forte, não tocada nem moldada senão pelas múltiplas desorganizações do Universo. Ele contorcia-se em fluxos e ondas. Havia cautela à superfície, um subtil efeito, tranquilizador, mas com toques de cínica libertinagem nos seus remoinhos ocultos. E por baixo havia o forte fluxo do interesse próprio e do amor-próprio, com um borrifo de humor cruel, aqui e ali, e um profundo e imóvel charco de ambição no fundo de tudo.

O Mula sentiu que poderia estender a mão e deter a corrente, arrancar o ribeiro ao seu leito e fazê-lo seguir outro curso, secar uma corrente e iniciar outra. E então? Se ele conseguisse curvar a cabeça encaracolada de Channis na mais profunda admiração, isso mudaria o seu próprio grotesco, que o fazia evitar o dia e amar a noite, que fazia dele um recluso no interior de um império que era incondicionalmente seu?

A porta por detrás dele abriu-se, e ele virou-se. A transparência da parede evoluiu para a opacidade, e a escuridão deu lugar ao fulgor esbranquiçado e artificial da energia nuclear.

Bail Channis sentou-se alegremente e disse:

— É uma honra não completamente inesperada, caro senhor.

O Mula esfregou o queixo com quatro dedos ao mesmo tempo e a sua resposta pareceu um pouco irritada:

— E porquê, jovem?

— Um palpite, suponho. A menos que eu queira admitir que tenho prestado atenção aos rumores.

— Rumores? A qual das várias dezenas de variedades se está a referir?

— Aqueles que dizem que está a ser planeada uma renovação da Ofensiva Galáctica. Há em mim a esperança de que isso seja verdade e que eu possa desempenhar um papel adequado.

— Então acha que *existe* uma Segunda Fundação?

— Porque não? Isso tornaria as coisas bem mais interessantes.

— E tem também interesse nisso?

— Certamente. No próprio mistério disso! Que melhor tema se poderia encontrar para fazer conjeturas? Os suplementos dos jornais não falam de outra coisa, ultimamente... o que, provavelmente, quer dizer alguma coisa. O *Cosmos* pôs um dos seus editorialistas a redigir uma coisa estranha sobre um mundo constituído por seres de puro espírito, a Segunda Fundação, percebe?, que tinham desenvolvido a força mental a uma potência suficientemente grande para competir com quaisquer fontes de energia conhecidas da ciência física. As naves espaciais poderiam ser destruídas a anos-luz de distância, os planetas poderiam ser desviados das suas órbitas...

— Interessante. Sim. Mas tem algumas noções acerca do assunto? Subscrive essa noção de poder da mente?

— Galáxia, não! Acha que criaturas como essas ficariam no seu próprio planeta? Não senhor. Acho que a Segunda Fundação permanece oculta porque é mais fraca do que nós pensamos.

— Nesse caso, posso explicar-me muito facilmente. Gostaria de encabeçar uma expedição para localizar a Segunda Fundação?

Por um momento, Channis pareceu apanhado na súbita precipitação dos acontecimentos a uma velocidade maior do que aquela para que estava preparado. A sua língua tinha aparentemente ficado presa num prolongado silêncio.

O Mula disse secamente:

— Então?

Channis enrugou a testa.

— Certamente. Mas onde devo ir? Tem alguma informação disponível?

SEGUNDA FUNDAÇÃO

— O general Pritcher irá consigo...

— Então, não vou chefiá-la?

— Julgue por si mesmo quando eu terminar. Ouça, você não é da Fundação. É um nativo de Kalgan, não é? Sim. Bem, então, o seu conhecimento acerca do plano Seldon pode ser vago. Quando o primeiro Império Galáctico estava em queda, Hari Seldon e um grupo de psico-historiadores, analisando o rumo futuro da história através de instrumentos matemáticos agora indisponíveis, nestes tempos degenerados, instalou duas Fundações, uma em cada extremidade da Galáxia, de tal forma que as forças económicas e sociológicas, que evoluíam lentamente, as fariam tornar-se núcleos do Segundo Império. Hari Seldon contou com mil anos para realizar esse desígnio... e teria demorado trinta mil sem as Fundações. Mas não contou comigo. Sou mutante e sou imprevisível em termos da psico-história, que consegue apenas lidar com a reação média de grandes quantidades. Está a compreender?

— Perfeitamente, caro senhor. Mas o que tem isso a ver comigo?

— Irá compreender em breve. Tenciono unir a Galáxia agora e atingir o objetivo dos mil anos de Seldon em trezentos. Uma Fundação, o mundo dos cientistas físicos, ainda floresce, sob o meu domínio. Sob a prosperidade e a ordem da União, as armas nucleares que eles desenvolveram são capazes de enfrentar seja o que for na Galáxia, com exceção, talvez, da Segunda Fundação. Assim, tenho de saber mais acerca dela. O general Pritcher tem a opinião muito definida de que ela não existe de todo. Eu sei que não é assim.

Channis perguntou, com delicadeza:

— Como é que sabe?

As palavras do Mula foram subitamente possuídas por uma clara indignação:

— Porque algumas mentes sob o meu controlo têm tido interferências. Delicadamente! Subtilmente! Mas não tão subtilmente que eu não tenha dado conta. E essas interferências estão a aumentar, e a atingir homens valiosos em momentos importantes. Admira-se agora que uma certa discricção me tenha mantido imóvel ao longo destes anos?

«Daí a sua importância. O general Pritcher é o melhor homem que me resta, por isso deixou de ser seguro. É claro que ele não sabe disso.

Mas você é um não-convertido e, por conseguinte, não é imediatamente detetável como um homem do Mula. Pode enganar a Segunda Fundação por mais tempo do que um dos meus próprio homens, talvez por tempo suficiente. Compreende?

— Hm-m-m. Sim. Mas, perdoe-me, caro senhor, se faço a pergunta. Como é que estes seus homens ficam perturbados, para poder detetar uma mudança no general Pritcher, no caso de ela ocorrer? Ficam de novo não-convertidos? Tornam-se desleais?

— Não. Eu disse-lhe que era uma coisa subtil. É mais perturbador do que isso, porque é mais difícil de detetar e por vezes tenho de esperar antes de agir, sem saber ao certo se um determinado homem-chave tem um comportamento errático de forma normal ou foi manipulado. A lealdade permanece intacta, mas a iniciativa e a ingenuidade são apagadas. Sou deixado com uma pessoa perfeitamente normal aparentemente, mas completamente inútil. No último ano, seis ficaram assim. Seis dos meus melhores. — Arqueou um canto da boca. — Estão encarregados de bases de treino e o meu desejo mais sincero, para bem deles, é que não surja nenhuma emergência em relação à qual lhes caiba tomarem decisões.

— Suponha... suponha que não era a Segunda Fundação. E se fosse um outro como o senhor... um outro mutante?

— O planeamento é demasiadamente cuidadoso, a demasiada distância. Um único homem teria uma pressa maior. Não, é um mundo, e você deverá ser a minha arma contra ele.

Os olhos de Channis brilhavam quando disse:

— Estou encantado com a oportunidade.

Mas o Mula captou o súbito crescendo emocional. Disse:

— Sim, aparentemente vai-lhe acontecer prestar um serviço único, digno de uma recompensa única, talvez mesmo a de ser o meu sucessor. Assim mesmo. Mas também existem punições únicas, como sabe. A minha ginástica emocional não está confinada apenas à criação de lealdade.

E o pequeno sorriso esboçado pelos seus lábios finos era sombrio quando Channis saltou, horrorizado, do seu lugar.

Apenas por um instante, o piscar de um instante, Channis sentira a pontada de dor avassaladora fechar-se sobre ele. Abatera-se sobre ele

SEGUNDA FUNDAÇÃO

com uma dor física que lhe obscurecera a mente de forma insuportável, e depois retirara-se. Agora, não restava nada senão uma forte enxurrada de raiva.

O Mula disse:

— A raiva não vai ajudar... sim, agora está a disfarçá-la, não está? Mas eu consigo vê-la. Por isso lembre-se: *este* género de coisa pode ser tornada mais intensa e mantida. Já matei homens através do controlo emocional, e não existe morte mais cruel. — Fez uma pausa e disse: — É tudo!

O Mula ficou de novo sozinho. Deixou que as luzes morressem e que a parede diante dele voltasse à transparência. O céu estava negro, e o corpo ascendente da Lente Galáctica espalhava a sua decoração de lan-tejoulas pelas profundezas aveludadas do espaço.

Toda aquela bruma nebulosa era uma massa de estrelas tão numerosas que se tinham fundido umas nas outras, não deixando nada senão uma nuvem de luz.

E tudo seria seu...

E, agora, apenas um último arranjo a fazer, e poderia dormir.

PRIMEIRO INTERLÚDIO

O Conselho Executivo da Segunda Fundação estava em reunião. Para nós, são meramente vozes. Nem o local exato do encontro, nem a identidade dos presentes são essenciais para este ponto.

Nem, estritamente falando, podemos sequer considerar uma reprodução exata de qualquer parte da sessão — a não ser que desejemos sacrificar completamente até aquele mínimo de compreensibilidade que temos o direito de esperar.

Lidamos aqui com psicólogos — e não meramente psicólogos. Digamos, de preferência, cientistas com uma orientação psicológica. Isto é, homens cuja conceção fundamental da filosofia científica está apontada numa direção inteiramente diferente de todas as orientações que conhecemos. A «psicologia» dos cientistas, que cresceu entre os

axiomas deduzidos a partir dos hábitos de observação da ciência física, tem apenas uma vaga relação com a PSICOLOGIA.

O que é ir quase tão longe quanto eu consigo ir para explicar o que é a cor a um cego — sendo eu próprio tão cego como o meu interlocutor.

O ponto que se quer dado por assente é que as mentes reunidas compreendem total e perfeitamente o funcionamento de cada uma das outras, não apenas através da teoria em geral, mas através de uma aplicação específica, durante um longo período, destas teorias a indivíduos concretos. A fala, tal como nós a conhecemos, era desnecessária. Um fragmento de frase quase equivalia a uma longa e fastidiosa redundância. Um gesto, um gemido, a curva de uma linha facial — até uma pausa significativamente programada produzia informação substancial.

Toma-se a liberdade, por conseguinte, de traduzir livremente uma pequena porção da conferência em combinações de palavras extremamente específicas, necessárias a mentes orientadas desde a infância para a filosofia da ciência física, mesmo correndo o risco de perder os matizes mais delicados.

Havia uma «voz» predominante, e essa pertencia ao indivíduo conhecido simplesmente como Primeiro Orador.

Dizia ele:

— Aparentemente, está agora bastante definido o que deteve o Mula na sua primeira arremetida louca. Não posso dizer que o assunto se traduza em crédito para... bem, para a nossa organização da situação. Aparentemente, ele quase nos localizou por intermédio da energia mental artificialmente potenciada do que eles chamam um «psicólogo» na Primeira Fundação. Este psicólogo foi morto mesmo antes de poder comunicar a sua descoberta ao Mula. Os acontecimentos que conduziram a essa morte foram completamente fortuitos, por todos os cálculos anteriores à Fase Três. Creio que é você quem continua.

Através de uma inflexão da voz, o indicado foi o Quinto Orador. Disse, num tom sombrio:

— É certo que a situação foi mal conduzida. Somos, é claro, altamente vulneráveis em caso de ataque maciço, particularmente um ataque levado a cabo por um fenómeno mental como o Mula. Muito pouco tempo depois de ele ter alcançado proeminência Galáctica com a conquista da Primeira Fundação, meio ano para ser exato, estava em

SEGUNDA FUNDAÇÃO

Trantor. Ao fim de outro meio ano, teria chegado cá e as probabilidades ser-nos-iam tremendamente desfavoráveis, 96,3% mais ou menos 0,05%, para ser exato. Passámos um tempo considerável a analisar as forças que o detiveram. Sabemos, é claro, o que o impelia em primeiro lugar. As ramificações internas da sua deformidade física e singularidade mental são óbvias para todos nós. Contudo, foi apenas com a passagem à Fase Três que conseguimos determinar, *após o facto*, a possibilidade de uma ação anómala da sua parte, em presença de um outro ser humano que sentisse sincero afeto por ele.

«E uma vez que essa ação anómala dependeria da presença desse outro ser humano, no momento adequado, nessa medida a coisa era inteiramente fortuita. Os nossos agentes estão certos de que foi uma mulher que matou o psicólogo do Mula, uma mulher em quem o Mula confiava por instinto sentimental e, por conseguinte, sobre quem não tinha controlo mental, simplesmente porque ela gostava dele.

«Desde esse acontecimento, e para aqueles que querem os pormenores, foi elaborado um tratamento matemático do assunto para a Biblioteca Central, que nos alertou, mantivemos o Mula afastado por meios pouco ortodoxos, com os quais pusemos diariamente em risco todo o plano da história de Seldon. É tudo.

O Primeiro Orador fez uma breve pausa para permitir que os indivíduos reunidos interiorizassem plenamente todas as implicações. Disse:

— A situação é, então, altamente insustentável. Com o plano original de Seldon vergado até ao ponto de fratura, e devo sublinhar que fizemos asneira da grossa em todo este assunto, pela nossa horrível falta de previsão, enfrentamos uma irreversível falência do Plano. O tempo está a deixar-nos para trás. Acho que apenas nos resta uma solução, e mesmo essa é arriscada.

«Temos de deixar que o Mula, em certo sentido, nos encontre.

Fez uma nova pausa, durante a qual recolheu as reações, e depois disse:

— Repito: em em certo sentido!